

A PERGUNTA DE TODOS NÓS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 20/10/1992

O Brasil tem vivido emoções políticas muito fortes e contraditórias nestas últimas semanas. O impeachment de Collor foi um momento de grandeza ética e democrática de toda a nação. A chacina da Casa de Detenção de São Paulo, um episódio grotesco que pôs a nu o autoritarismo e a impiedade de uma sociedade dividida e conflituosa refletidos na ação da polícia. A decisão do Congresso e da sociedade de continuar a levar adiante a apuração de denúncias de corrupção na vida pública brasileira, um sinal de esperança. As primeiras reações negativas ao ministério de Presidente Itamar Franco, uma demonstração de preconceito e subordinação cultural de nossas elites. A morte de Ulysses Guimarães e Severo Gomes, uma tragédia nacional que nos privou de dois homens públicos de primeira grandeza.

Foi nesse clima que um particular amigo meu perguntou-me se, depois de tudo isto, depois do impeachment e da morte de Ulysses, não estaria prestes a se instalar no Brasil uma nova era política, em que a ética e o interesse público prevalecessem sobre o benefício pessoal e a mera busca do poder. Minha primeira reação a pergunta foi negativa, quase irritada. Entretanto, continuei a pensar na pergunta. E um pouco depois encontro Eduardo Suplicy, em um dos tristes velórios a que tivemos que comparecer, e este me conta que Franco Montoro, apesar das diferenças que sempre tiveram, havia agora tomado a iniciativa de cobrar do PSDB e solicitar ao PMDB o apoio a sua candidatura a prefeitura de São Paulo, no quadro de um grande arco ético, democrático e progressista do qual ambos fazem parte.

A notícia recobrou meu otimismo - otimismo que se confirmou dois dias depois com a decisão do PSDB de apoiar Suplicy. Na minha vida pública aprendi uma coisa fundamental. As posições ideológicas são sem dúvida importantes, a retidão moral é uma condição sine qua non para a ação política, mas o critério fundamental para distinguir os políticos que são homens públicos dos meros oportunistas, fisiológicos e aproveitadores, é o espírito público. Sim, o espírito público, esta velha expressão algo fora de moda. Um político com espírito público é aquele que luta pelo poder, como todo o político tem obrigação de fazer, mas coloca o interesse público sempre no seu horizonte imediato, jamais o perdendo de vista. A política é sem dúvida a arte do

compromisso, das alianças nem sempre desejadas, da busca do consenso sempre que possível, da conciliação dos interesses em permanente conflito. O político com espírito público sabe disso, está inserido na sua realidade social, é fruto condicionado dela. Mas, se tiver a dimensão de um estadista, é capaz de se sobrepor a essa realidade, de entrar em conflito com ela em certos momentos, para poder ser fiel a suas convicções do que seja o interesse da nação.

Venho dizendo isto há vários anos, e sempre que o dizia em seguida completava com meus dois exemplos de homens públicos com visão de estadista: Ulysses Guimarães e Franco Montoro, dois políticos da mesma geração, que trabalharam muitas vezes juntos, que competiram entre si, que cometeram erros, mas que jamais perderam a visão do interesse público.

Ora, se o fundamental na vida política é o espírito público, a pergunta de meu amigo poderia ser rephraseada: "Será que depois de tudo isto o espírito público de nossos políticos, devidamente cobrado pela sociedade, dará um salto de qualidade? Será que o impeachment e a morte de Ulysses marcam e propiciam um grande avanço político no Brasil?"

O segundo turno das eleições municipais poderá ser um teste sobre isto - em especial o segundo turno na cidade de São Paulo. Nas eleições do próximo 15 de novembro não se enfrentam necessariamente o bem e o mal, mas não há dúvida que se enfrentam o novo e o velho, a democracia versus autoritarismo, a política progressista versus o populismo de direita, a prioridade ao social versus um velho "obrismo" para o qual já não existem mais recursos fiscais ou de crédito, a dubiedade versus a retidão moral, os enormes gastos em publicidade versus a política de princípios, enfim o moderno versus o arcaico.

Se Eduardo Suplicy continuar a crescer, se muitos que votaram em branco ou nulo perceberem que no Brasil há políticos jovens com espírito público, se muitos que votaram em Paulo Maluf revirem seu voto a partir de um melhor conhecimento dos candidatos, se o grande arco ético, democrático e popular, que sofreu tantos embates durante o governo Sarney, que foi derrotado na eleição de Collor, e que recuperou-se das cinzas na luta pelo impeachment, renascer e se renovar agora em São Paulo, e, mais amplamente, no Brasil, há razões para otimismo. Há razões para responder afirmativamente a pergunta de meu amigo, que é a pergunta e a aspiração de todos nós.